

FLORES RARAS - GRUPO DE PESQUISA EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E FEMINISMOS

RARE FLOWERS - RESEARCH GROUP EDUCATION, COMMUNICATION AND FEMINISM

FLORES RARAS - GRUPO DE INVESTIGACIÓN EDUCACIÓN, COMUNICACIÓN Y FEMINISMOS

Cláudia Regina Lahni

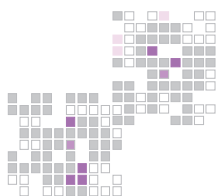
■ É Professora Titular da Facom-UFJF e docente permanente do PPGECH-UFSCar-So. Fez pós-doutorado em Comunicação na UERJ, doutorado e mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (ECA-USP); graduação em Jornalismo pela PUC de Campinas. Lésbica feminista, é coordenadora do Grupo de Pesquisa Educação, Comunicação e Feminismos - Flores Raras (CNPq).

■ E-mail: lahni.cr@gmail.com

Daniela Auad

■ É Professora Permanente do PPGEEd-So/UFSCar, na Linha de Pesquisa Educação, Comunidade e Movimentos Sociais; docente permanente no PPGE/FACED/UFJF. Coursou, na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), doutorado e mestrado em Educação e graduação em Pedagogia. Lésbica feminista, é coordenadora do Grupo de Pesquisa Educação, Comunicação e Feminismos - Flores Raras (CNPq).

■ E-mail: auad.daniela@gmail.com



RESUMO

O artigo apresenta um panorama do trabalho que vem sendo desenvolvido pelo Flores Raras – Coletivo e Grupo de Pesquisa Educação, Comunicação e Feminismos. Também Grupo de Estudos, o Flores, como é carinhosamente chamado pelas pessoas que o integram, desenvolve e participa de ações especialmente realizadas a partir da Universidade Federal de São Carlos – Campus Sorocaba – e da Universidade Federal de Juiz de Fora, sendo cadastrado no CNPQ há mais de 10 anos. Suas/seus Pesquisadoras/es atuam em lugares diversos do Brasil, em Ensino, Pesquisa, Extensão, Gestão e Militância, sendo lesbianidades e relações de gênero na Comunicação e na Educação uma de suas principais frentes temáticas, dentre outras assumidas, em sua intensa e extensa existência.

PALAVRAS-CHAVE: GRUPO DE PESQUISA FLORES RARAS; COMUNICAÇÃO PARA A CIDADANIA; SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO; FEMINISMOS.

ABSTRACT

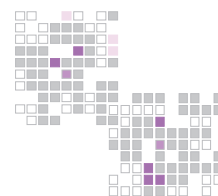
The article presents an overview of the work being developed by Flores Raras – Education, Communication and Feminisms Collective and Research Group. Also a Study Group, Flores, as it is affectionately called by the people who integrate it, develops and participates in actions especially carried out from the Federal University of São Carlos - Campus Sorocaba - and the Federal University of Juiz de Fora, having been registered with the CNPQ for several years. more than 10 years. His/her Researchers work in different places in Brazil, in Teaching, Research, Extension, Management and Militancy, with lesbianism and gender relations in Communication and Education being one of its main thematic fronts, among others assumed, in its intense and extensive existence.

KEYWORDS: RARE FLOWERS RESEARCH GROUP; COMMUNICATION FOR CITIZENSHIP; SOCIOLOGY OF EDUCATION; FEMINISMS.

RESUMEN

El artículo presenta un panorama del trabajo que viene desarrollando Flores Raras – Colectivo y Grupo de Investigación Educación, Comunicación y Feminismos. También Grupo de Estudio, Flores, como lo llaman cariñosamente las personas que lo integran, desarrolla e participa de acciones especialmente realizadas desde la Universidad Federal de São Carlos - Campus Sorocaba - y la Universidad Federal de Juiz de Fora, habiendo sido inscrita en el CNPQ desde hace más de 10 años. Sus Investigadoras actúan en diferentes lugares de Brasil, en Enseñanza, Investigación, Extensión, Gestión y Militancia, siendo el lesbianismo y las relaciones de género en Comunicación y Educación uno de sus principales frentes temáticos, entre otros asumidos, en su intensa y extensa existencia.

PALABRAS CLAVE: GRUPO DE INVESTIGACIÓN FLORES RARAS; COMUNICACIÓN PARA LA CIUDADANÍA; SOCIOLOGÍA DE LA EDUCACIÓN; FEMINISMOS.



1. Introdução

“Os estudos culturais como disciplina começam com as experiências vividas de não pertencimento a certos espaços, de não ter uma boa recepção por onde se passa, experiências de filhas/os da classe trabalhadora que vão parar em instituições de elite, experiências de filhas/os da diáspora que vão parar em uma mesma instituição. Quando você não se encaixa, você se inquieta. Um corpo inquieto rapidamente mostra não estar inserido no lugar certo. As sobrancelhas se levantam. Mesmo; mesmo? Você tem certeza?” (Grifos nossos, AHMED, 2022, p.213).

Assim como as filhas da classe trabalhadora ou da diáspora, fomos parar em um espaço, a Academia, que, assim como vários outros espaços prestigiosos na vida pública, fazia questão de nos informar que, como mulheres, não tínhamos lugar ali, e, ainda, de modo muito distintivo, fazia questão de nos comunicar que não devíamos ter nos colocado ali como feministas lésbicas.

Essa realidade visita muitas professoras feministas e pesquisadoras lésbicas, que, ao exporem sua orientação sexual, e/ou ao saírem de seus lugares de origem, pensam estar angariando alternativas de vida com mais respeito e dignidade, contudo passam a enfrentar, de variadas maneiras, facetas de uma “falta de lugar” acadêmico. Este não lugar parece querer nos tirar do mapa, mas nos reinventamos em variadas topografias. Deixamos os mapas para quem se coloca em registro estático, com fronteiras demarcadas e destinos previa e limitadamente definidos. No nosso caso, nossos movimentos, chegadas, partidas, encontros, despedidas e reencontros se colocam como deslocamentos, que mobilizam afetos, saberes e múltiplos recursos que se colocam ativamente na construção de nossas subjetividades, assim como do ensino que ministramos, do conhecimento que produzimos em pesquisa, da extensão que tecemos em comunidade.

Nessas andanças, era comum ouvir a pergunta que advinha de várias direções e de diferentes maneiras: “Você não é daqui não, né?” Com ou sem sobrancelhas levantadas, esta pergunta se compara às perguntas da epígrafe acima citada: “Mesmo; mesmo? Você tem certeza?”

Feministas, lésbicas, militantes e pesquisadoras que somos decidimos não nos sentir em exílio imposto, diante de situações que nos colocavam como estrangeiras continuamente. Antes, fincamos nossas bandeiras nos territórios por onde passamos e traçamos nossas topografias em rede com outras mulheres lésbicas, nossas pares, sejam discentes, sejam docentes e pesquisadoras, as quais, como nós, se colocavam inteiras nos fazeres acadêmicos militantes e nos saberes militantes acadêmicos.

Tecemos, deste modo, nesta conjuntura, nossas Topografias Feministas, que delineiam uma teoria das mulheres em movimento (AUAD; LAHNI, 2021), a partir da qual nossas vidas se expressam e o presente artigo é escrito.

Cláudia Lahni e Daniela Auad, na Semana da Diversidade que antecedeu a 18ª Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, participando da Campanha da ONU Livres & Iguais, em 2014, com o apoio da Prefeitura de São Paulo e da Secretaria de Direitos Humanos e Diversidade do então Governo Federal, cujo cargo máximo na ocasião era ocupado pela Presidenta Dilma Rousseff.



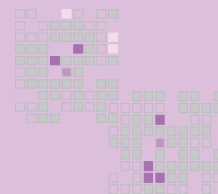
Fonte: Site da Prefeitura de São Paulo¹.

2. Nossas origens, bases e contexto atual

Como em uma produção cinematográfica, na qual se começa do tempo presente para nos remetermos ao nosso histórico, iniciamos, logo adiante, nosso relato a partir de evento que ocorreu no dia 31 de março de 2022, de modo a colocar no tempo presente pessoas, movimentos sociais, entidades e organizações que correspondem às bases fundantes e originais do Flores Raras, quando sequer tinha tal nome e nasceu na Unifesp, no campus dos Pimentas, pela iniciativa de uma das autoras do presente texto, a Professora Daniela Auad, que então ali trabalhava e percebia a necessidade de ter um grupo e coletivo que dialogasse, estudasse e pesquisasse a partir da temática da Educação e das Relações de Gênero. Esse grupo se chamava, na etapa Unifesp, Educação, Relações de Gênero e Feminismo, com devido credenciamento no CNPq e sendo integrado pela docente e suas alunas de graduação, posto que nem mesmo pós-graduação havia no referido campus de expansão, naquele momento histórico. Era 2007.

Três anos depois, tendo já sido implantados cursos de Pedagogia, História, Ciências Sociais e outros das Ciências Humanas, no referido campus, na periferia do município de Guarulhos,

¹ <https://www.capital.sp.gov.br/noticia/onu-lanca-em-sao-paulo-campanha-livres-iguais> - acesso em 11 de abril de 2022.



ao lado de São Paulo, se encontraram, ao compor uma banca de concurso público, como avaliadoras das candidaturas inscritas para a disciplina Cultura Corporal, a Professora Daniela Auad, então presidenta da banca, e a Professora Cláudia Regina Lahni, membra titular externa, que já era docente na UFJF e foi convidada para compor a banca do certame. Na mesma época em que se implantava o Grupo na periferia paulista, tendo o campus nascido a partir da expansão da Escola Paulista de Medicina, a Unifesp, o Grupo Comunicação, Identidade e Cidadania, na Universidade Federal de Juiz de Fora, era coordenado pela Professora Cláudia Regina Lahni, em localidade na qual o campus não era de expansão, mas também se colocava em situação periférica por variados motivos.

A aproximação das margens teve lugar, então, na banca do concurso de Cultura Corporal da Unifesp. No âmbito da Universidade, se deu esse encontro de pesquisadoras que tinham o Direito à Educação e o Direito à Comunicação, respectivamente, como mote de suas vidas acadêmicas e militantes. Cada uma em sua seara, entendia igualmente a importância de se considerar a alquimia das categorias sociais na produção dos sujeitos políticos (CASTRO, 1992), percebia a necessidade de refletir sobre a consubstancialidade na dinâmica das relações sociais (KERGOAT, 2010), entendia a urgência de adotar noções de interseccionalidade, sobretudo racial e de gênero (CRESHAW, 2002) para produzir suas pesquisas, seus textos, suas aulas e a si mesmas. Todas essas abordagens se encontraram e foram, em um só tempo, fios e tear no que Cláudia e Daniela, nós, autoras deste texto, passamos a realizar juntas desde 2010. Tais tessituras se deram não apenas em docência, pesquisa, extensão e gestão, mas também nas nossas vidas, e em desdobramentos e impactos, nas vidas das alunas que orientamos e colegas com quem trabalhamos.

Trata-se de verificar, ao olhar em perspectiva para esse passado recente, que aquilo que se convencionava chamar de público foi sendo modificado a partir do que desejamos para nós no âmbito do que se convencionava identificar com o que é privado. Como mulheres, lésbicas, mães, docentes, pesquisadoras, militantes e outras tantas identidades que nos constituem, fomos assumindo o cotidiano segundo a máxima feminista, que nos conta que o político seja pessoal e o pessoal seja político. Assim, ao considerar que público e privado já não podem mais ser notados como oposições binárias (SCOTT, 1995), pois, assim como o tempo, são construções históricas que podem ser subvertidas, voltamos ao ano de 2022.

Doze anos depois do que seria a origem do Flores – como o grupo é carinhosamente chamado –, no dia 31 de março de 2022, realizamos evento coordenado pelas duas professoras, Daniela Auad e Cláudia Lahni, e com a participação de Maria Amélia de Almeida Teles, Amelinha. Disponível no canal do Youtube do PPGECH², o evento ocorreu no âmbito dos Diálogos Interdisciplinares Educação, Comunicação e Feminismos, promovido pelo PPGECH (Programa de Pós-Graduação Estudos da Condição Humana) – UFSCAR-So (Universidade Federal de São Carlos – Campus Sorocaba) – e Flores Raras – Grupo de Pesquisa Educação, Comunicação e Feminismos (CNPQ).

Na ocasião, a professora Cláudia Lahni apresentou a solidariedade a todas às pessoas vítimas da Covid-19 e seus familiares - mais de 660 mil óbitos e quase 30 milhões de casos

² https://youtu.be/Z3o_FSrl_N8 - acesso em 4 de abril de 2022.

confirmados, no Brasil, em 2 de abril de 2022³. Citou que, em 31 de março, se comemora o Dia Internacional da Visibilidade Trans⁴ - e o Brasil é o país onde se matam mais pessoas transgêneros e travestis. Mencionou também que, em 31 de março de 1964, se iniciou o golpe militar no Brasil, e que é preciso lembrar para nunca mais acontecer. Cláudia Lahni - que atua junto à diretoria da Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular, Comunitária e Cidadã⁵, desde sua fundação - contou um pouco sobre a história e organização do Flores Raras, Grupo de Pesquisa que coordena junto com a professora Daniela Auad.

Uma das oito autoras/es fundamentais para concursos no Brasil, na Educação (conforme reportagem revista *Nova Escola*)⁶, a professora Daniela Auad contou sobre sua participação no Conselho Estadual da Mulher, de Minas Gerais, junto com Gisella Lima. No período (2017-2018), foi a primeira vez que o Conselho contou com uma mulher assumidamente lésbica - Daniela Auad, conselheira por notório saber - e com uma mulher trans - Gisella Lima, que passou também a integrar o Flores Raras. No Diálogos Interdisciplinares - evento periódico do PPGECH-UFSCar, coordenado pelas professoras Kelen Leite e Teresa Melo -, Daniela Auad também contou sobre pesquisas e publicações mais recentes do Grupo. Convidou à leitura do Dossiê Feminismos e Lesbianidades em Movimento: A Visibilidade como Lugar⁷, coordenado por Auad e Lahni e publicado na *Revista de Estudos Feministas*, em dezembro de 2021. Além disso, a pesquisadora salientou a importância de mulheres como Amelinha Teles, que são feministas, lutam desde antes do início dos anos 1970, se tornando exemplos para toda gente, com especial destaque para o fortalecimento das mulheres.

Junto com Rosalina Santa Cruz Leite, Amelinha Teles (2013) é autora do livro *Da guerrilha à imprensa feminista - a construção do feminismo pós-luta armada no Brasil (1975-1980)*, entre outras obras. Feminista, anticapitalista, antirracismo e antiLGBTfobia, Amelinha Teles lutou contra a ditadura militar⁸, foi presa política, escreveu para o jornal *Brasil Mulher*⁹. A família Teles moveu uma ação contra o comandante Carlos Alberto Brilhante Ustra, que, em 2008, foi o primeiro agente da ditadura a ser declarado torturador. A importância de se conhecer e divulgar os resultados da Comissão da Verdade¹⁰ foi salientada por Amelinha Teles.

3 <https://covid.saude.gov.br/> - acesso em 4 de abril de 2022.

4 <https://m.facebook.com/antrabrazil/> - acesso em 4 de abril de 2022.

5 <https://abpcom.com.br/diretoria/> - acesso em 4 de abril de 2022.

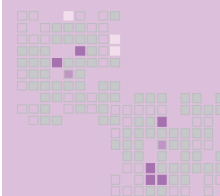
6 <https://novaescola.org.br/conteudo/15060/8-autores-para-estudar-e-passar-nos-concursos-publicos> - acesso em 4 de abril de 2022.

7 <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref> - acesso em 4 de abril de 2022.

8 <http://memorialdaresistencia.org.br/pessoas/maria-amelia-de-almeida-teles/> - acesso em 4 de abril de 2022.

9 Citado por Dulcília Schroeder Buitoni (1990), p.54 como um dos dois mais conhecidos jornais femininos alternativos, "na fase mais fértil da imprensa alternativa brasileira".

10 <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/> - acesso em 11 de abril de 2022.



**EDUCAÇÃO,
COMUNICAÇÃO
E
FEMINISMOS**

31/03 - 19h

DIÁLOGOS
INTERDISCIPLINARES
PPGECH-UFSCAR

Amelinha Teles
Feminista, antipcapitalista, antirracista, antiLGBTfobia, sócia fundadora da União de Mulheres de São Paulo.

Daniela Auad
Feminista, escritora, pesquisadora, professora, lésbica, Professora Associada da UFJF e da UFSCar, orienta no PPGEd-campus de Sorocaba

Mediação - Cláudia Lahni
Lésbica feminista, jornalista, coordena o Flores Raras - Grupo de Pesquisa Educação, Comunicação e Feminismos, Docente Permanente do PPGECH-UFSCAR

FLORES RARAS
Grupo de Estudos e Pesquisas Educação, Comunicação e Feminismos

Estudos da Condição Humana
Núcleo de Estudos e Pesquisas em Comunicação e Linguagem

UFJF

transmissão
YouTube /ppgech

Arte produzida pelo PPGECH para divulgação do evento na internet.

3. Um breve histórico de caminhos que se entrelaçaram

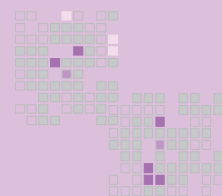
Tanto na Graduação – em Iniciação Científica – como no Mestrado e Doutorado na Educação da USP (Universidade de São Paulo), sob a orientação da professora Maria Victoria Benevides, Daniela Auad pesquisa Educação e Relações de Gênero. Em 2003, publica *Feminismo: que história é essa?* e, em 2006, *Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola*. Como professora da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) – Campus Guarulhos –, na Educação, a partir de 2006, entre outras atividades, lidera grupo de pesquisa e, junto com Rita Quadros e Maristela Sanches Bizarro promove o Cineclubes Cine Mulher – Exibir, Debater e Transformar.

Orientada pela professora Maria Otilia Bocchini, no Mestrado e no Doutorado, na Escola de Comunicações e Artes da USP, em 1999, Cláudia Regina Lahni defende sua dissertação *A presença das mulheres na imprensa sindical - Um estudo da imprensa do Sindicato dos Professores de Campinas e Região*, divulgada com a publicação de artigos acadêmicos. Professora da Universidade Federal de Juiz de Fora, a partir de 2000, coordena o Projeto de Extensão Programa de Mulher (de junho de 2001 a dezembro de 2006), lidera grupo de pesquisa, e, entre outros, com Alice Mitika Koshyama e Maria Otilia Bocchini, publica o trabalho “Gênero e cidadania: experiências no ensino e pesquisa de comunicação”, em 2006.

Como já mencionado, em 2010, Cláudia Lahni e Daniela Auad começam a trabalhar juntas, participando de eventos, bancas e projetos de pesquisa. Como culminância dessa parceria, e com a redistribuição de Auad motivada por Lahni, da Unifesp para a UFJF, nasce o Grupo de Pesquisa Educação, Comunicação e Feminismos – a partir da Faculdade de Educação, certificado pela UFJF e cadastrado pelo CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), em fevereiro de 2012, com ambas como líderes. Desde então o grupo já recebeu e orientou dezenas de estudantes de Iniciação Científica, Graduação, Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado, na Educação (Faced-UFJF, PPGE-UFJF e PPGEd-UFSCar), na Comunicação (Facom-UFJF) e no Programa de Pós-Graduação Estudos da Condição Humana - Interdisciplinar (UFSCar-So). As Linhas de Pesquisa do Grupo são Relações de Gênero, Socialização, Comunicação e Democracia; Movimentos Sociais, Políticas Públicas, Educação e Cidadania; e Democracia e Educação.



Arte realizada pela artista feminista Elisa Riemer, especialmente a pedido do Flores para a divulgação do Eixo Temático 16, cuja temática era Relações de Gênero, Sexualidades e Corporeidades na Educação e na Comunicação, com a coordenação das Professoras Cláudia Regina Lahni e Daniela Auad, no VI Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade. O Evento Internacional foi realizado de 24 a 26 de setembro de 2014, na UFJF, e contou com a representação de pesquisadoras do Brasil inteiro, como as Pesquisadoras e Professoras Denise Cogo, Ana Liése Thurler, Viviane Melo de Mendonça, dentre outras, que foram presencialmente ao evento ou, então, enviaram seus alunos/as/es.



4. Pesquisador/e/as e suas publicações

Na sequência do histórico até aqui sintetizado, em atividade há mais de dez anos, o Flores Raras conta atualmente com as/o/e pesquisador/as/e citado/as/e a seguir.

Lésbica feminista, Professora Titular da Facom-UFJF, entre outros, Cláudia Lahni (2021) é autora do capítulo “Feminismos e lesbianidades na comunicação para a cidadania”, no qual reflete sobre as revistas *Alternativa L* e *Brejeiras*, com base teórica especialmente em trabalhos de Maria Cristina Mata e Adrienne Rich; o capítulo foi publicado no livro *Comunicação para a Cidadania: 30 anos em luta e construção coletiva*, organizado por Denise Teresinha da Silva e outros/a. Lahni está na etapa final de uma pesquisa sobre comunicação e lesbianidades. Em 2022, no PPGECH-UFSCar, orienta uma pesquisa de mestrado sobre moda e relações de gênero, uma sobre minorias sociais em obras literárias e uma sobre educomunicação. Coorienta uma pesquisa de doutorado, orientada pela professora Daniela Auad, no PPG em Educação da UFJF, sobre sociabilidade, educação e direito à comunicação em um estudo de caso do Cine Sapatão e Roda LésBi. A partir dessa pesquisa, Auad, Lahni e a doutoranda Sabrina Fernandes Pereira Lopes (2021) apresentaram o trabalho “Cinema e visibilidade lésbica: teorias feministas em prol da cidadania comunicativa”, no Seminário Internacional Fazendo Gênero 12, que teve publicação em anais.

A pesquisadora Daniela Auad é Professora Associada da Faced-UFJF, docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UFJF e no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEEd) da UFSCar, orientando pesquisas de mestrados e doutorados. Coordena a pesquisa “Lesbianidades em Docência e em (Trans)Formação: gênero e feminismos nos variados níveis e modalidades de ensino”. Entre outros, Auad (2021) é autora do artigo “Caminhos entrelaçados: Feminismos e Lesbianidades na Pesquisa em Educação”, publicado na *Revista de Estudos Feministas*. Em 2022, orienta três pesquisas de mestrado na UFSCar e duas de doutorado na UFJF, sobre Educação e Relações de Gênero. Com Luciano Corsino, que foi seu orientando de mestrado na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), publicou *O professor e a professora diante das Relações de Gênero na Educação Física Escolar* (2012).

O flor rara Luciano Nascimento Corsino é doutor em Educação pela Universidade de Campinas (Unicamp). É docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - IFRS - Campus Rolante, onde é Coordenador do Núcleo de Ações Afirmativas (NAAF) e Coordenador do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI). Entre outras atuações, é membro associado ao International Study Association on Teachers and Teaching - ISATT e à Associação Brasileira de Pesquisadores Negros - ABPN. Luciano Corsino (2022) publicou, com outros autores, o artigo “A socioeducação sob as lentes da interseccionalidade”.

“Estratégias de Resistência de Negras Cotistas Lésbicas e Bissexuais” é o título do artigo publicado na *Revista de Estudos Feministas*, por Ana Luisa Alves Cordeiro (2021) e Daniela

Auad. Ana Luisa Cordeiro concluiu seu pós-doutorado em Educação, em 2018, na UFJF, sob a supervisão de Daniela Auad. Professora Adjunta no Departamento de Teoria e Fundamentos da Educação e no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), no Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, Ana Luisa Cordeiro é Vice-coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Raciais e Educação (NEPRE/UFMT) e filiada à Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), integrando a Área Científica ‘Feminismos Negros’.

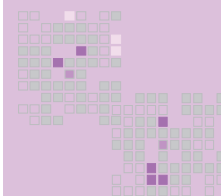
Professora transmasculine que atua nos cursos de graduação em Arquivologia e Biblioteconomia e Documentação no Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense (UFF), Jac Ribeiro (2020), entre outros, publicou, em coautoria, o capítulo de livro “Cine en colores - diversidad en la pantalla: un proyecto y dos informes”.

A autora de *Cidadania Ativa: Referendo, Plebiscito e Iniciativa Popular* (1998) e *Fé na luta: a Comissão Justiça e Paz de São Paulo, da ditadura à democratização* (2009), entre outras obras fundamentais, Maria Victoria de Mesquita Benevides também é flor rara, exemplo e referência para toda gente.

5. Ensino e Extensão

Na graduação em Jornalismo, na UFJF, a ementa da disciplina obrigatória Comunicação Comunitária prevê o estudo da comunicação do movimento feminista, do movimento negro, do movimento LGBT, entre outros, a partir de iniciativa da professora Cláudia Lahni, que, desde 2013, também ministra a disciplina eletiva Comunicação, Relações de Gênero e Movimentos Sociais. Na Educação, a professora Daniela Auad leciona, dentre muitas outras disciplinas na área de Fundamentos da Educação, a disciplina eletiva Gênero e intersecções: bons alibis para romper a ordem compulsória (ou comprar uma boa briga).

Entre 2017 e 2018, sob a coordenação de Daniela Auad e Cláudia Lahni, o Flores Raras realizou o Cine Sapatão e Roda LésBi – cineclubes com apresentação de filmes com histórias de mulheres lésbicas, bissexuais e transexuais, seguido de debate. Essa ação em série fez parte do Projeto de Extensão Flores Plantam Observatório de Gênero e Raça em Minas Gerais e Todas Colhem Igualdade, que contribuiu para a implantação do Observatório da Igualdade de Raça e de Gênero, no estado de Minas Gerais. No âmbito das atividades em parceria com o Governo do Estado de Minas Gerais, a partir de convite do Secretário dos Direitos Humanos, Nilmário Miranda, fomos convidadas, como referências teóricas, militantes e afetivas, a compor campanha que chamava casais LGBTQIA+ para se casarem em cerimônia gratuita e coletiva, realizada como política pública afirmativa e de ampliação de direitos a toda a população.



Ao sermos chamadas como símbolos da campanha #LOVEWINS, em 2018, construímos, como Coletivo, Grupo de Pesquisa e como família uma política pública afirmativa de direitos humanos e com especial destaque para mulheres LBT, foco das pesquisas e militância do Flores Raras.



Fonte: Card confeccionado pelo Governo do Estado de Minas, com fotos do arquivo pessoal das autoras e informações na matéria do Estado de Minas sobre o evento em tela¹¹.

Ainda em 2017, por iniciativa do Flores Raras, foi realizada na UFJF – com repercussão nacional – a Campanha de Visibilidade Lésbica Respeite Todas As Mulheres - #somostodaslésbicas¹², com texto, vídeo, banners, mesa redonda e outras ações agregadoras. Na foto abaixo, a seguir, na Universidade, com professoras, técnicas administrativas e alunas, que participaram da campanha.

11 https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2018/07/10/interna_gerais.972539/defensoria-publica-abre-inscricoes-para-casamento-comunitario-lgbti-e.shtml - acesso em 11 de abril de 2022.

12 Ver mais em <https://www.ufjf.br/educacomunicafeminismos/2017/08/01/a-excelencia-da-ufjf-campanha-de-visibilidade-lesbica-2017/> - acesso em 5 de abril de 2022.

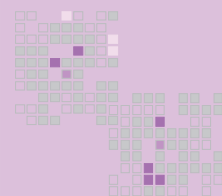


Outdoor colocado na frente da Reitoria da UFJF, formado pelos cinco banners que compunham a campanha de visibilidade lésbica, os quais foram espalhados pelos campus, em frente às Unidades Acadêmicas. Em cada foto, três mulheres, sendo uma delas sempre assumidamente heterossexual, e as outras duas lésbicas ou bissexuais. A escolha dessa formação se deu para expressar, dentre variadas apropriações possíveis, que todas as mulheres podem ser lésbicas, a despeito de como se parecem socialmente.

Além de fortalecer mulheres da comunidade acadêmica que não se identificavam com a heterossexualidade como orientação sexual, a campanha era uma maneira de reagir a um cotidiano de lesbofobia na Universidade Federal de Juiz de Fora, que se implantou em uma cidade onde ocorre o tradicional concurso Miss Gay há décadas, mas que apresenta homo/trans/lesbofobia e misoginia nos demais 362 dias do ano em que o “pink money” não está fazendo circular dinheiro na cidade, durante a Semana da Diversidade, que dura três dias. Nestes, há parcerias variadas com a UFJF, com especial ênfase e foco na homossexualidade masculina, concorrendo inclusive para o apagamento das mulheres LBT em evento que deveria combater a misoginia, como uma das formas de combater a homofobia.

Essas contradições se expressam também no episódio que ficou conhecido nacionalmente e se refere ao trote no qual uma aluna foi obrigada a carregar uma placa, cujos dizeres eram “Caloura Cara de Sapatão”, em desfile de calouros e veteranos pelas ruas de Juiz de Fora. Na ocasião, o grupo de estudantes citado se encontrou com a Professora Daniela Auad, que se viu obrigada a mostrar sua “Cara de Sapatão” nacionalmente e relatar, de modo analítico, o episódio de violência, sob a forma de textos em periódicos, comunicação em congresso e nota de repúdio, assinada por indivíduos, grupos e entidades do Brasil todo.

A partir dessa situação e outras lesbofobias cotidianas, as quais até hoje não se dissiparam, mas mudaram de forma, como ideias vírus (AUAD, 2003), o Flores Raras produziu estudos, pesquisas, textos, publicações, ações de extensão, disciplinas e, assim, preencheram com pensamento, crítica, questionamento e ação o espaço no qual antes havia não ditos, silêncios



e ódios. Como nos inspira a pensar a conferência da Professora Marilena Chauí, feita online, pelo Instituto Conhecimento Livre, no dia 7 de abril de 2022, no qual ela ensina que contrário ao ódio não é necessariamente o amor. Segundo pensamos, em determinados contextos, contrário ao ódio é o pensamento. Da mesma forma, contrário ao silêncio é o questionamento, que preenche as lacunas daquilo que não é dito e é naturalizado, causando desigualdade e preconceito contra variadas minorias sociais, embora não minorias quantitativas, em termos populacionais.

Assim sendo, diante do fato de sermos identificadas com aquelas cujo nome não se pode dizer, posto que somos lésbicas, fanchas, sapatonas, tribadistas e tantos outros nomes com os quais insistem em nos xingar e a partir dos quais insistimos em nos orgulhar. Reagimos com a postura que nos foi ensinada por Vange Leonel: “ninguém conseguirá me ofender me chamando por nomes que significam apenas o meu amor por outra mulher”¹³. E, desta maneira, ficamos nos constituindo, existindo, juntas e com alunas, com amigas e com colegas, mulheres Lésbicas, Bissexuais e Transexuais, e também Heterossexuais – LBT e Ht – que vieram ao nosso encontro, e para as quais corremos para nos abraçar, seja em razão de novos e inéditos ataques, a partir dos quais precisamos de fortalecimento; seja em virtude de desejarmos produzir interação e conhecimento, a partir dos saberes lésbicos. Estes saberes podem ser entendidos como resistência na produção de conhecimento, na atividade de ensino, no ato de aprender, na militância, na tessitura do fio da vida...

6. Múltiplas identidades. Todas elas feministas.

Ainda no âmbito da campanha de visibilidade lésbica, no interior da UFJF, o Flores realizou mesas redondas, cuja temática se voltava para os desafios de ser mulher LBT na Universidade, seja como docente, discente, técnica em assuntos educacionais ou trabalhadora terceirizada.

298



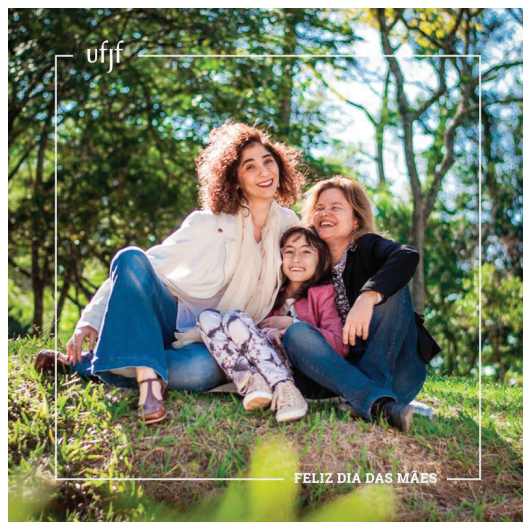
Card feito pelo Flores para divulgar mesa que ocorreu no interior da mesma campanha em que os banners citados foram produzidos e divulgados.

¹³ <https://feminismo.org.br/um-ano-sem-vange-leonel-a-guerreira-safica/> - acesso em 11 de abril de 2022.

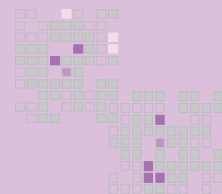
Há de se ressaltar que a campanha correspondia à concretização de ações educativas e de comunicação, na perspectiva do que apontamos sobre os variados fatores de exclusão das mulheres lésbicas, em nosso artigo intitulado Diversidade, Direito à Comunicação e Alquimia das Categorias Sociais:

Às mulheres lésbicas recai a diferença hierarquizada do feminino (sempre em relação ao masculino como padrão hegemônico) e, soma-se a isso, a desigualdade relativa à homossexualidade. Duplamente desviantes, porque não homem e não heterossexual, as mulheres lésbicas sofrem, na maior parte do tempo, dupla discriminação, específicas desigualdades e muita invisibilidade no que se refere aos aspectos que definem sua identidade sexual e de gênero. Nesse sentido, os processos de identificação e as políticas de reconhecimento são uma necessidade e urge a construção de múltiplos modelos. Quanto mais opções disponíveis, mais possibilidades para exercício da sexualidade. E esse múltiplo leque também pode ser percebido como outra faceta da diversidade abordada no presente texto e comumente associada ao termo, tanto no meio acadêmico quanto no senso comum. Trata-se da existência de um número tal de modelos e padrões tanto quanto fosse a quantidade de tipos de pessoas que podem existir, onde quer que estejam e da maneira como desejarem ser. Trata-se de ter como modelo o não-modelo. Por mais utópica que seja essa demanda, sua simples enunciação pode ampliar as possibilidades de visibilidade das múltiplas sexualidades e concorrer para o alcance e reconhecimento de direitos básicos. (AUAD; LAHNI. 2013, p.124).

Nesse sentido, destaque-se que a campanha também colocava mulheres lésbicas em trios nos banners pois as coordenadoras do Grupo foram convidadas anteriormente para serem protagonistas de banners, em outra campanha da Universidade, ao lado de Leila, a filha de ambas. Trata-se da campanha de Dia das Mães, cuja imagem que foi ampliada e colocada pelas alamedas da UFJF se encontra abaixo.



Leila entre as mães, Daniela e Cláudia, com quem vive em família entre São Paulo, Juiz de Fora, Salvador e Rio de Janeiro. A mais jovem flor rara, em deslocamentos nas múltiplas Topografias Feministas, trazendo o olhar das meninas para a teoria das mulheres em movimento (AUAD; LAHNI, 2021, p.02).



Dentre os muitos desdobramentos desse banner de Dia das Mães, restou, no Flores, por um lado, a felicidade pelo reconhecimento de nossa maternidade e de nossa família, por outro lado, não desejávamos o lugar de lésbicas docilizadas, aparentando uma tentativa de simulação do modelo de família tradicional, com a qual não temos identificação, em razão de jamais termos tido sequer algum de seus privilégios. Por mais que nossa família seja uma feliz realidade e resistência aos modelos impostos, assim como uma conquista importante para nós e para todas as pessoas, sempre estivemos conscientes da nossa existência em um continuum lésbico, como previu Adrienne Rich (2019). Da mesma forma, insistimos que as mulheres lésbicas não precisam ser mães, trabalhadoras ou esposas para terem suas existências justificadas. Mulheres LBT não precisam de alvará para existir e, ainda, vivem com interditos cotidianos inacessíveis para aqueles e aquelas que gozam dos privilégios de estarem próximos à norma heterossexual.

Em razão disso, lutamos também para construir a Universidade como mais um local de encontro consigo e com pares, para as mulheres LBT e demais mulheres de quaisquer orientações sexuais e identidades de gênero. Como relembra o artigo *Caminhos Entrelaçados: Feminismos e Lesbianidades na Pesquisa em Educação* (2021), trata-se de construir e vivenciar a universidade como mais um lócus de estabelecimento de relações que se referem a um conjunto de experiências de identificação entre todas as mulheres, a partir das vivências das mulheres lésbicas e das coletividades por elas agregadas com variadas pessoas, de variadas identidades de gênero e orientações sexuais. Somos um movimento de “reapropriação científica e filosófica que revisa a narrativa centrada na heterossexualidade, na visão europeia e predominantemente masculina do mundo” (AUAD, 2021, p.12)

Importa ressaltar, nessa perspectiva de reapropriação e ocupação da Academia, que, ainda em 2017, por iniciativa do Flores Raras, Adenilde Petrina Bispo, do bairro São Benedito, da cidade de Juiz de Fora, recebeu o título de Doutora Honoris Causa, pela UFJF. A fundadora e integrante do Coletivo Vozes da Rua foi coordenadora da Rádio Comunitária Mega FM¹⁴, na qual a Professora Cláudia Lahni realizava, como projeto de extensão, uma ação de comunicação comunitária, de genuíno caráter alternativo, o Programa de Mulher.



Cláudia Lahni e Adenilde Petrina, na cerimônia do seu doutoramento.

14 Sobre isso, ver mais em Lahni (2005).

7. Perspectivas e Planejamento

Com a chegada da pandemia, a vida online do Flores se dinamizou e se intensificou. As reuniões online já eram nossas conhecidas, em razão de termos integrantes – pesquisadoras e estudantes – em todo o território nacional. Contudo, foi em 2020 e 2021, que integrantes do Flores Raras participaram de dezenas de lives, organizadas por instituições e entidades variadas. A necessidade de distanciamento social nos colocou em proximidade e intensa interação online mais do que sempre, ainda que não por gosto. Foi o possível a ser feito e, para citar apenas algumas das muitas participações, mencionamos quando a pesquisadora Cláudia Lahni participou (como convidada) na live Comunicação para a Cidadania em tempos de Covid-19, dentro do projeto Lives Cátedra Intercom, realizada em 2 de julho de 2020¹⁵; a pesquisadora também participou (como convidada) da edição de 2021 das lives da Intercom. Entre outras, Lahni participou na live História da Imprensa Lésbica no Brasil, junto com Júlia Oliveira, Carolina Maia e a mediação de Cris Cavaleira, realizada no dia 21 de agosto de 2020, pelo Museu da Diversidade Sexual de São Paulo¹⁶. A pesquisadora Ana Luisa Cordeiro foi palestrante na live Cidadania LGBT e o Ensino Superior, realizada em 19 de maio de 2021¹⁷. Na 14ª. Reunião Regional Sudeste da Anped (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação), em 1º de dezembro de 2020, a pesquisadora Daniela Auad participou da Mesa **Educação e desafios interseccionais: gêneros, sexualidades, raças, geração e religiosidade, com** Denize Sepulveda (UERJ – FFP) e Jonas Alves (UFRRJ)¹⁸. Com a mediação da aluna Isabela Carpinski, realizada no dia 23 de junho de 2020, pelo Diretório Acadêmico Vladimir Herzog – Facom-UFJF, via Instagram, na Semana do Orgulho LGBTQ+, foi realizada a live Visibilidade Lésbica no Cinema, com participação das pesquisadoras Cláudia Lahni e Daniela Auad. Em 2021, a convite do Diretório Acadêmico da Faced, o Flores Raras participou da organização e realização de um Sarau LBT e também G, no dia 28 de junho, Dia do Orgulho LGBT.

Vale notar que, desde antes da entrada na Pandemia, nossas idas a eventos e reuniões eram repletas de encontro, de feminismos, de coletividade que não esmaga individualidades, de grupo que realça singularidades e de indivíduos que fortalecem o grupo. Essas dinâmicas correspondem à parte do que denominamos como Topografias Feministas, uma abordagem criada por nós, recheada de significados, conceitos e definições, cujas inspirações estão nas “geografias misteriosas” (Nadia NOGUEIRA, 2005, p. 167) dos nossos deslocamentos, refúgios e migrações; cujas motivações são fortalecidas pela “noção de um cosmopolitismo feminista horizontal e translocal” (Claudia de Lima COSTA; Sonia ALVAREZ, 2009, p. 739), que prevê uma política feminista da localização, a qual envolve “uma temporalidade de luta, e não uma posição fixa” (ALVAREZ, 2009, p. 744).

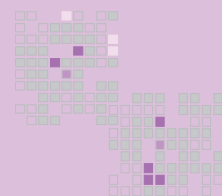
Nessa perspectiva, não conseguimos pensar em termos de cartografia, posto que os mapas não apreendem nossos trânsitos. Mapas podem localizar e, portanto, vão de encontro à

15 <https://www.youtube.com/watch?v=N1uBxkmzF2w> – acesso em 5 de abril de 2022.

16 <https://culturaemcasa.com.br/video/historia-da-imprensa-lesbica-no-brasil-cris-cavaleira-cris-julia-oliveira-claudia-lahni-e-carolina-maia/> - acesso em 5 de abril de 2022.

17 <https://youtu.be/5LYAmOLETVA> - acesso em 5 de abril de 2022.

18 <https://youtu.be/fAjwCf-5srI> - acesso em 5 de abril de 2022.



abordagem delineada, posto que localizar, neste caso, seria restringir, limitar e até interditar. Não localizar, na esteira do que formula a teoria das mulheres em movimento, ora afirmada, permite deslocamentos, amplia expansões, suscita alongamentos e promove distensões, em uma dinâmica ideia de não se deixar patrulhar, como Bethânia canta em Reconvexo: “*Você não me pega, você nem chega a me ver. Meu som te cega, careta, quem é você?*”¹⁹.

Tal dinamismo e fluidez nos trazem a sensação de que, nesse normal possível, digital e ainda em distanciamento, há muita vida para pouco pixel. Ao querer a força do presencial para seguir nas textualidades que carregam os sentidos e os significados dos encontros, nós nos questionamos, assim como Gilberto Gil, em *Pela Internet*: “*Com quantos gigabytes se faz uma jangada, um barco que veleje?*”²⁰.

Enfim, como uma vitória coletiva do Flores, no ano de 2021, a Professora Cláudia Regina Lahni alcançou o mais alto grau da carreira docente, se tornando Professora Titular na UFJF. Também nesse continuum, em 2022 a doutoranda Camila dos Passos Roseno defende sua tese e terá, em coautoria com sua orientadora, Professora Daniela Auad, um livro publicado.

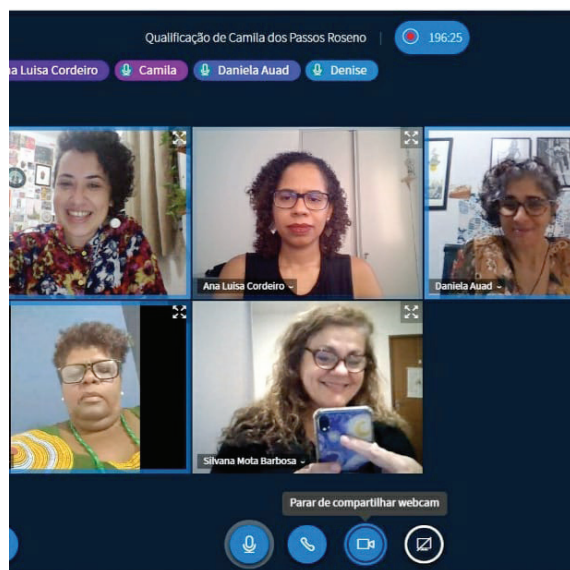


Tem Sapatão Titular! Professora Cláudia Lahni, com sua banca no Concurso para provimento do cargo de Titular, na UFJF, sendo festejada pela filha Leila e sua companheira, Daniela, também professora que será Titular em 2022. Vai ter mais Sapatão Titular!

¹⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=5JHya5NYaAc> – acesso em 11 de abril de 2022.

²⁰ *quantos gigabytes se faz uma jangada, um barco que veleje?*

<https://www.youtube.com/watch?v=v2QvAaBNc9A> – acesso em 11 de abril de 2022.



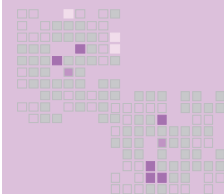
Camila Roseno e sua banca do exame de qualificação do doutorado. Vai ter Doutora Sapatão! E com conhecimento produzido a partir das lesbianidades!

A temática do livro, em momento de escrita por Camila Roseno e Daniela Auad, é Resistência, Lesbianidades e Saberes Docentes. Trata-se de fruto de pesquisa de campo, com aprofundadas reflexões de teorias clássicas, em releituras inéditas, pois evocadas nas vozes das protagonistas lésbicas que encontramos na Educação Básica, como professoras.

Ao iniciar a etapa do caminho que se entrelaça com a UFSCar, no campus de Sorocaba, Cláudia Lahni inicia, com orientandas, uma pesquisa sobre Comunicação, Relações de Gênero e Estudos da Condição Humana. Daniela Auad estabelece parcerias com colegas do Programa de Pós-Graduação em Educação e orienta alunas de mestrado e de doutorado que lecionam em variados níveis e modalidades de ensino, da Educação Básica ao Ensino Superior.

Com todas essas e outras ações, o Flores Raras busca contribuir para o conhecimento acumulado sobre Relações de Gênero, Educação e Comunicação; busca contribuir para a democratização do conhecimento e para a construção de uma sociedade melhor para todas as pessoas.

As conquistas profissionais, acadêmicas e pessoais de cada uma das Flores Raras significam justiça acadêmica, justiça científica e justiça epistêmica para todas as mulheres, com especial destaque para as mulheres LBT e negras. Essas noções de justiça, sob a forma de conceitos e com suas respectivas definições, estão sendo delineadas pelas pesquisadoras do Flores, em pesquisa e em diálogo com pesquisadoras de grupos parceiros. Cada conquista de cada uma de nós é a concretização das máximas que reafirmam que só a luta muda a vida, e que nós, quando juntas, assim como as águas, crescemos, e não apenas sobrevivemos, mas vicejamos.



Referências

- AHMED, Sara. *Viver uma vida feminista*. UBU Editora. São Paulo, 2022.
- ALVAREZ, Sonia E. “Construindo uma política feminista translocal da tradução”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 17, n. 3, p. 743-753, dez. 2009. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ref/a/NxJj8QWbTffpyzR9GWwMvvc/abstract/?lang=pt>. Acesso em 12 de abril de 2022.
- ANNUNCIATO, Pedro. 8 autores para estudar e passar nos concursos públicos. In: *Nova Escola*. São Paulo: Associação Nova Escola, 16 de janeiro de 2019. Disponível em <https://novaescola.org.br/conteudo/15060/8-autores-para-estudar-e-passar-nos-concursos-publicos> - Acesso em 4 de abril de 2022.
- AUAD, Daniela. Caminhos entrelaçados: Feminismos e Lesbianidades na Pesquisa em Educação. *Revista Estudos Feministas*. v. 29, n. 3, 2021. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/82528>. Acessado 12 Abril 2022.
- AUAD, Daniela. *Feminismo: que história é essa?*. DP&A, Rio de Janeiro, RJ, 2003
- AUAD, Daniela. *Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola*. São Paulo: Contexto, 2006.
- AUAD, Daniela; LAHNI, Cláudia Regina. Topografias Feministas: uma teoria das mulheres em movimento. *Revista Estudos Feministas*. v. 29, n. 3, 2021. Disponível em <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n382526>. Acessado 12 Abril 2022.
- AUAD, Daniela; LAHNI, Cláudia Regina. Diversidade, direito à comunicação e alquimia das categorias sociais: da anorexia ao slogan ao apetite da democracia. *Revista Eptic* (UFS), 2013. Disponível on line: <https://seer.ufs.br/index.php/eptic/article/viewFile/1360/1361>. Acesso em 12 de abril de 2022
- BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *A cidadania ativa: referendo, plebiscito e iniciativa popular*. São Paulo: Ática, 1998.
- BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *Fé na luta*. São Paulo: Lettera.doc, 2009.
- BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa Feminina*. São Paulo: Ática, 1990.
- CASTRO, Mary Garcia. Alquimia de categorias sociais na produção dos sujeitos políticos. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 1992. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/15801>. Acesso em: 6 mar. 2013.
- CONCEIÇÃO, Willian Lazaretti da.; QUINELATTO, R. F.; CORSINO, Luciano Nascimento.; ROVARON, M.. A socioeducação sob as lentes da interseccionalidade. *Humanidades & Inovação*, v. 8, p. 396-408, 2022.
- CORDEIRO, Ana Luisa Alves; AUAD, Daniela. Estratégias de Resistência de Negras Cotistas Lésbicas e Bissexuais. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis: UFSC, v. 29, p. e82622, 2021.
- CORSINO, Luciano Nascimento; AUAD, Daniela. *O professor diante das relações de gênero na Educação Física Escolar*. São Paulo: Cortez, 2012.
- COSTA, Claudia de Lima; ALVAREZ, Sonia E. “Translocalidades: por uma política feminista da tradução”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 17, n. 3, p. 739-742, dez. 2009. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2009000300006/12125>. Acesso em 04/05/2021.
- CRENSHAW, Kimberle. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*. Ano 10 vol. 1, 2002. Disponível em Acesso em 12 de abril de 2022.
- KERGOAT, Danièle. Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais. *Novos Estudos*, CEBRAP, São Paulo, SP, 2010. Disponível em <https://www.scielo.br/j/nec/a/hVNnxSrszcVLQGfHFf85kk/> Acesso em 10 de abril de 2022.
- KOSHIYAMA, Alice Mitika; BOCCHINI, M. O. ; LAHNI, C. R. . Gênero e cidadania: experiências no ensino e pesquisa de comunicação. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom, 2006, Brasília. *Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação: Estado e Comunicação*. Brasília: Universidade de Brasília (UnB) - Intercom.
- LAHNI, Cláudia. Feminismos e Lesbianidades na Comunicação para a Cidadania. In: Denise Teresinha da Silva; Pablo Nabarrete Bastos; Rozinaldo Antonio Miani; Suelen de Aguiar Silva. (Org.). *Comunicação para a Cidadania: 30 anos em luta e construção coletiva*. São Paulo: Intercom e Gênio Editorial, 2021, p. 383-399.

- LAHNI, Cláudia Regina. *Possibilidades de cidadania associadas à rádio juiz-forana Mega FM*. São Paulo: ECA-USP, Tese de Doutorado, 2005.
- LAHNI, Cláudia Regina. *A presença das mulheres na imprensa sindical – um estudo da imprensa do Sindicato dos Professores de Campinas e Região*. São Paulo: ECA-USP, Dissertação de Mestrado, 1999.
- LAHNI, Claudia R.; AUAD, Daniela. Não é mole não, ser feminista, professora e sapatão: Apontamentos de uma história a partir do espaço das lésbicas e da lesbianidade na produção de conhecimento sobre mídia. *Anos 90*, UFRGS, Porto Alegre, 2019. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/90001>. Acesso em 12 de abril de 2022.
- LOCALIZAR. In: *Dicionário de Antônimos Online*, 2021. Disponível em <https://www.antonimos.com.br/>. Acesso em 07/05/2021.
- LEONEL, Vange. *Ninguém vai me ofender*. Disponível em: <https://feminismo.org.br/um-ano-sem-vange-leonel-a-guerreira-safica/3020/> Acesso em 12 de abril de 2022.
- LOPES, Sabrina Fernandes Pereira; AUAD, Daniela; LAHNI, Cláudia Regina. Cinema e visibilidade lésbica: teorias feministas em prol da cidadania comunicativa. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 12, 2021, Florianópolis. *Fazendo Gênero 12 - Lugares de fala: direitos, diversidades, afetos - Anais Eletrônicos*. Florianópolis: UFSC, 2021. v. I. p. 1-12.
- NOGUEIRA, Nadia. *Invenções de Si em histórias de amor: Lota Macedo Soares e Elizabeth Bishop*. 2005. Doutorado (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil. Disponível em http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/280584/1/Nogueira_NadiaCristina_D.pdf. - Acesso em 04/05/2021.
- OLIVEIRA, F. A. G.; CABRAL, Jacqueline Ribeiro. Cine en colores - diversidad en la pantalla: un proyecto y dos informes. In: Fabio A. G. Oliveira; Silmara Simone Takazaki. (Org.). *El género en la comunicación: relaciones y representatividad*. Zaragoza: Egregius Ediciones, 2020, p. 39-60.
- RICH, Adrienne. *Heterossexualidade Compulsória, Existência Lésbica e Outros Ensaios*. A Bolha, Rio de Janeiro, RJ, 2019.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, 20(2). UFRGS, Porto Alegre, 1995. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>
- TELES, Amelinha; LEITE, Rosalina Santa Cruz. *Da guerrilha à imprensa feminista: a construção do feminismo pós-luta armada no Brasil (1975-1980)*. São Paulo: Intermeios, 2013.

